



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Embrapa Estudos Estratégicos e  
Capacitação**

**Brasília-DF, 10 de maio de 2010**

A Embrapa, que inventou tanta coisa, criou tanta coisa, não poderia ter criado um negocinho para evitar esses mosquitos que estão enchendo o saco, no ar, aqui? Vocês sabem que eu fiquei brigando com um mosquito o tempo inteiro, até que eu resolvi, para ele não virar o artista principal, parar de bater nele e ele ficou quieto, foi para cima do Wagner Rossi.

Mas, meus queridos companheiros ministros de Estado dos países africanos aqui representados,

Ministro Wagner Rossi, ministro da Agricultura,

Ministro Gregolin, da Pesca,

Rômulo Paes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Senador Eduardo Suplicy,

Meu caro companheiro Jacques Diouf, diretor-geral da FAO,

Meu companheiro José Graziano, representante da FAO para a América Latina,

Meu querido companheiro Pedro Arraes, diretor-presidente da Embrapa,

Senhora Beatriz da Silveira Pinheiro, chefe-geral da Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação em Agricultura Tropical,

Amigos profissionais da Embrapa,

Companheiros da imprensa,

Eu, agora, vou ler o meu discurso.

A inauguração deste Centro da Embrapa de Estudos Estratégicos e de Capacitação coroa os 37 anos de atividade desta empresa de pesquisa que



impulsiona a nossa agricultura e que é motivo de orgulho para o nosso país. Poucos são os países que podem contar com uma estrutura de segurança alimentar como tem o Brasil, construída, em grande parte, pelas conquistas acumuladas por esta instituição chamada Embrapa.

Nossa agricultura deve colher este ano a maior safra de grãos de sua história: são quase 147 milhões de toneladas, número que supera o melhor resultado anterior, registrado na safra 2007/2008. Nas últimas décadas, a agricultura brasileira registrou o maior ganho médio de produtividade do mundo, cerca de 3,5% ao ano. Deixamos para trás a China, a Austrália e os Estados Unidos nesse quesito. A partir de 2003, a média foi ainda superior, da ordem de 4,5% ao ano.

Essas coisas não são obra do improviso, não podem ser atribuídas à sorte, nem ao acaso, como alguns gostam de dizer, procurando diminuir a eficácia e a competência dos próprios brasileiros.

Há menos de 10 anos éramos o sexto exportador de alimentos do Planeta. Hoje somos o terceiro – passamos o Canadá, em 2008, e antes já havíamos superado a China e a Austrália. À nossa frente, hoje, encontram-se apenas os Estados Unidos e a União Europeia, que não é um país, mas um conjunto de países que forma uma grande economia. Mesmo assim, a vantagem sobre o Brasil, em alguns casos, decorre de inaceitáveis expedientes protecionistas e tarifários, como ficou demonstrado no contencioso do algodão, que denunciemos e vencemos na Organização Mundial do Comércio, ou no caso do etanol brasileiro, mundialmente reconhecido como o biocombustível mais eficiente do Planeta, punido por tarifas e subsídios na Europa e nos EUA.

Somos líderes no comércio mundial de carne bovina, de frango, de açúcar, de café, de suco de laranja, de tabaco e do álcool. Em alguns casos, como o do café, essa é uma liderança secular que remonta a 1860. Na maioria dos produtos, porém, nossa vantagem foi consolidada, ampliada ou conquistada graças ao incremento da pesquisa científica, portanto graças à



existência de uma empresa pública, que nos deu o maior patrimônio de conhecimento em agricultura tropical de todo o planeta Terra. Esse diferencial garante a segurança alimentar da nossa sociedade, maximizando o aproveitamento das terras já ocupadas e permitindo que se reduza, cada vez mais, a interferência da economia em biomas e riquezas naturais.

Graças às pesquisas científicas, utilizamos, proporcionalmente, uma área cada vez menor para obter uma produção cada vez maior. Um exemplo ilustrativo: com um ganho de produtividade de apenas 0,5% ao ano nos próximos anos, inferior ao que tem alcançado na prática, a pecuária brasileira vai liberar área suficiente para dobrar o espaço destinado à agroenergia, que também evolui em eficiência a cada ano. Avanços notáveis têm sido alcançados também nas lavouras de milho, soja, arroz, feijão, mandioca e outros alimentos que compõem a cesta básica da dieta nacional.

Há razões de sobra, portanto, para nos orgulharmos da pesquisa brasileira. Mas esse privilégio impõe, ao mesmo tempo, certas responsabilidades que transcendem as fronteiras nacionais. E é justamente disso que cuidará o Centro Estratégico que estamos inaugurando hoje. Esta unidade da Embrapa vai gerar estudos estratégicos para o nosso mercado, mas também funcionará como uma espécie de chancelaria da agricultura brasileira na cooperação com outros povos e nações em desenvolvimento em todo o mundo. Temos a obrigação histórica de compartilhar nossos trunfos com povos irmãos, que travam a luta decisiva contra a fome, a pobreza e o subdesenvolvimento no século XXI.

Com poucas adaptações, o patrimônio de 37 anos de conhecimentos da Embrapa pôde gerar saltos de produtividade, suficientes para promover uma revolução agrícola em países africanos, com os quais temos uma dívida histórica pelo muito que nos deram e pelo tanto que sofreram na construção deste país. Mais de 200 milhões de pessoas padecem de fome crônica na África; cerca de 33 milhões de crianças com menos de cinco anos estão



subalimentadas, segundo dados da ONU. Uma parceria com a Embrapa pode representar, para esses povos, um avanço de décadas no acesso à tecnologia de ponta, capaz de vencer a fome, reduzir a pobreza e combater a desigualdade.

A savana africana cobre 25 países e guarda profundas semelhanças com o nosso cerrado. Estamos falando de 400 milhões de hectares, um vasto campo que vai do Senegal à África do Sul, cujo aproveitamento, hoje, limita-se a 10% do total. Nossa tecnologia pode semear nessa fronteira um polo agrícola de potencial superior ao do próprio cerrado brasileiro.

A fome, que afeta mais de um bilhão de pessoas no Planeta, é o escárnio da desigualdade num tempo de abundância e sofisticação tecnológica sem precedentes. A Humanidade sabe como produzir, mas ainda não aprendeu a repartir.

O empenho na erradicação da fome constitui uma espécie de teste de consistência da vontade política mundial na renovação da Agenda do Desenvolvimento no pós-crise. Imaginar que a lógica do livre mercado, que arruinou o sistema financeiro internacional, possa conduzir a bom termo a segurança alimentar do Planeta seria repetir, no enfrentamento deste desafio, os mesmos erros que originaram a eclosão da maior crise do capitalismo desde 1929.

Mais que nunca, fica claro, para erradicar a fome que atormenta um em cada seis habitantes do globo é necessário convocar um leque de ações coordenadas, que associe a iniciativa de governos locais à cooperação internacional desdobrada em várias frentes. Entre elas, destacamos algumas: o apoio ao desenvolvimento agrícola soberano de cada nação; a redução da ajuda perversa feita de importações de alimentos subsidiados que inibem a agricultura local, sobretudo a dos pequenos produtores. Destacamos, também, o acesso ao crédito e à tecnologia produtiva; a redução das tarifas e do protecionismo das economias ricas e, sobretudo, políticas de segurança



alimentar que estreitem os vínculos entre a oferta e a demanda de alimentos em cada país, em cada região e em cada povoado. É isso que o Brasil tem feito através do programa Fome Zero, do Bolsa Família, do Pronaf e das aquisições de alimentos do governo federal.

A criação desse conjunto de políticas resultou da compreensão histórica de que a convergência entre riqueza e acesso à riqueza, bem como entre abundância e segurança alimentar, no século XXI, não pode mais ser atribuída a supostos automatismos de mercado. Foi essa convicção política que permitiu ao Brasil, com anos de antecedência, cumprir as Metas do Milênio de redução da fome e da pobreza em nossa sociedade.

É esse aprendizado e o conhecimento científico que lhe deu sustentação que nós podemos, devemos e vamos compartilhar agora, de forma ainda mais intensa, a partir deste Centro da Embrapa.

E vamos compartilhar com os povos irmãos da África, da América Latina e do Caribe, como já ocorre atualmente no Haiti e a partir do escritório da Embrapa em Gana. Esta não é uma visão tirada da conveniência da hora. Este não é um governo que enxerga os pequenos e os pobres apenas quando acendem as luzes do processo eleitoral. Esta não é uma nação mesquinha, que se fecha em torno de suas conquistas, indiferente às necessidades da cooperação internacional para o desenvolvimento, seja com os nossos parceiros do Mercosul, da África, do Caribe, da Ásia ou do Oriente Médio.

Enfim, companheiros e companheiras, eu penso que a Embrapa, que durante 37 anos foi o coração do desenvolvimento agrícola do Brasil, dá um passo extremamente importante para que nas próximas décadas a gente possa socializar todo o conhecimento acumulado pelos pesquisadores, pelos cientistas da Embrapa, para que a gente possa fazer se desenvolver a produção agrícola na África e na América Latina. Eu estou convencido de que a Embrapa, descobrindo os países africanos, e os países africanos descobrindo a Embrapa, a gente pode fazer com que a Embrapa, em um período menor do



que o próprio Brasil, possa dar um salto de qualidade e fazer a sua revolução agrícola. Afinal de contas, o ser humano pode prescindir de qualquer bem material, mas eu não conheço ainda um ser humano que queira sobreviver que possa prescindir da sua alimentação diária.

Pois se o mundo vai precisar de mais alimentos, com o crescimento africano, com o crescimento da China, com o crescimento da Índia, com o crescimento da América Latina, urge que nós produzamos mais alimentos. E produzir mais alimentos não significa apenas ter quantidade enorme de terra. Significa ter qualidade de pesquisa, e isso a Embrapa tem e quer repartir com todo o continente africano.

Parabéns à Embrapa e boa sorte a todos nós.

(\$211A)